

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
29 de Agosto e 2 de Setembro de 2020
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: OUSMANE SEMBÈNE

EMITAI / 1972

Um filme de Ousmane Sembène

Argumento: Ousmane Sembène / *Diretor de Fotografia (35 mm, Eastmancolor):* Michel Renaudeau / *Montagem:* Gilbert Kikoïne / *Som:* El Hadj Mbow / *Interpretação:* Moussa Gamara, Ousmane Gamara, Robert Fontaine, Michel Renaudeau, Ibou Gamara, Joseph Diatta, Dji Sebanor, Antoo Bassene, Mbissine Thérèse Diop.

Produção: Demirev Films (Dakar) e Ministério da Cooperação de França (Paris) / *Cópia:* 35 mm, versão original em diola e francês, com legendas em francês nos diálogos em diola e eletrónicas em português / *Duração:* 100 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes (Quinzena dos Realizadores), Maio de 1972 / *Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca a 3 de Novembro de 1995, no âmbito do ciclo "Cinemas de África".*

A sessão de dia 29 de agosto tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.

Ousmane Sembène foi o primeiro cineasta de envergadura a aparecer em África, tendo realizado em 1963, três anos depois das independências da antiga África Ocidental Francesa, aquele que é considerado o primeiro filme profissional a ter sido realizado por um africano: **Borom Sarret**. O itinerário de Sembène é peculiar e merece ser recapitulado: nascido no sul do Senegal numa família com poucos recursos, exerceu diversas profissões (pescador, pedreiro, mecânico) antes de partir para Marselha, onde durante dez anos foi estivador e exerceu intensa atividade sindical. Autodidata, começou a publicar livros em 1957 (*Docker Noir* e *Oh Pays, Mon Beau Peuple*), tendo publicado um total de sete livros em cerca de dez anos. No que se refere à sua passagem ao cinema, passamos a palavra ao próprio Sembène: "*Percebi que o livro só alcançava uma pequena minoria de pessoas nos países maioritariamente analfabetos da África negra dita francófona e decidi fazer cinema. Passei um ano no estúdio Gorki, em Moscovo, onde recebi um ensino essencialmente prático, sob a orientação de Mark Donskoi*". Note-se que esta escolha do cinema como meio de expressão por um intelectual, ao invés da literatura, também se deu em diversos países da América Latina, à roda de 1960, no movimento global das "novas vagas" que agitou o cinema de todo o mundo durante este período. Regressado ao Senegal em 1962, atraído pela aventura da vida num Estado africano independente, Sembène constatou a total ausência de infra-estruturas que permitissem a produção de filmes, mesmo modestos. Fundou então a sua empresa produtora, Domireev (que em língua uolof significa *filho da terra*) e em co-produção com as Actualités Françaises realizou o já mencionado **Borom Saret**. Seguiram-se outros filmes, dos quais os mais conhecidos são **La Noire de...** (1966), **Emitai, Xala** (1974), que provocou a fúria das autoridades senegalesas e recebeu dez cortes da censura) e **Ceddo** (1976), que provocou a fúria de muitos intelectuais árabes, companheiros de viagem terceiro-mundista dos africanos, pois ataca um tabu ao denunciar a "*primeira colonização*" em África, a do islão. Durante cerca de vinte anos Sembène foi o único cineasta africano cujo nome era conhecido e reconhecido fora do continente. Contrariamente a tantos outros, africanos ou não, soube amadurecer e envelhecer, tornando-se um respeitado patriarca, uma das mais fortes personalidades a se terem afirmado no cinema africano, um nome incontornável na história das cinematografias não-europeias ou não-eurocêntricas.

Dedicado "*aos militantes da causa africana*" e desprovido de qualquer simplismo e qualquer esquematismo, facto suficientemente raro para ser assinalado, **Emitai** põe em evidência algumas das melhores qualidades de Sembène, a começar pela mais importante: saber transformar uma matéria-prima num objeto acabado. Sembène pôs no filme algumas lembranças pessoais, pois ele próprio foi testemunha de alistamentos forçados como o que

vemos no prólogo e tomou como ponto de partida do filme um episódio real, a resistência de certas aldeias do Senegal ao imposto de 50 toneladas de arroz por pessoa que as autoridades francesas extorquiram da população, episódio exemplar da relação opressor/oprimido. Este episódio real teve como heroína uma certa An Sitoë, que deveria ter sido a protagonista do filme. Mas, conta o realizador, *"ao fazer pesquisas históricas, percebi que muitas lendas haviam embelezado o destino desta An Sitoë e além disso não podia suportar o seu misticismo!"*. Sembène não apenas modificou aspectos deste episódio da história do seu país, mas como todo realizador de talento, não se prendeu cegamente ao guião que havia escrito e não hesitou em suprimir certas cenas e a improvisar outras, pois sabe que não basta ilustrar um guião: nenhum filme pode existir verdadeiramente sem a aventura da *mise en scène*. E se **Emitai** é um tão belo objeto de cinema, independentemente do momento em que foi feito ou do país onde foi realizado, isto se deve às suas qualidades formais, características do que há de melhor no cinema de Sembène, com o seu extremo rigor e a clareza da sua articulação, que antecipam **Ceddo**, filme que de certa forma responde a **Emitai**. O prólogo, talvez o melhor momento do filme, já é quase uma curta-metragem autónoma que, sem ênfase alguma, faz uma denúncia e lança as bases narrativas do filme. Este filme de dualidades, de polaridades (opressores-oprimidos, brancos-negros, homens-mulheres, deuses-soldados), tem uma rigorosa construção dramática, que, como observou Paulin Vieyra, progride por blocos paralelos: na parte central do filme, os homens estão diante dos deuses (em busca da solução milagrosa) e as mulheres diante dos militares (como resistentes passivas), enquanto no desenlace os homens estão diante dos militares, para a derrota, e as mulheres diante dos deuses, para os ritos fúnebres. O filme não tem um protagonista e sim um único herói coletivo, e apesar disto Sembène consegue o prodígio de criar aquele sentimento de identificação, sem o qual um espectador não pode aderir a um filme, seja ele qual for. E, no entanto, esta é a história de uma derrota. Derrota da luta de guerreiros armados com lanças diante de um adversário que dispõe de armas de fogo, derrota dos deuses (e Emitai é o deus da guerra) diante da realidade. Mas esta história de uma derrota não implica derrotismo, talvez sirva de lição. Ao recusar o messianismo revolucionário, Sembène que não acredita que *"os filmes, mesmo os de Eisenstein, sejam bastões de dinamite"*, recusa-se a *"dar aos espectadores a ilusão de fazerem a revolução por procuração ao assistirem aos meus filmes"*. Ao recusar a ajuda dos deuses, o ateu Sembène também recusa a idealização dos costumes africanos, a afirmação da magia e do fetichismo como aquilo que diferencia os africanos do resto do mundo: o realizador adverte que os costumes mostrados no filme não são descritos de modo fiel e sim aproximativo: *"recusei qualquer deslize folclórico, para exaltar uma cultura"*.

Antes de concluir, é impossível não assinalar o humor feroz com que é mostrada a maneira completamente artificial como os costumes e problemas franceses são impingidos aos africanos: os soldados alistados à força, e que o comandante francês tem o cinismo de chamar *"engagés volontaires"*, cantam com ingenuidade e o mais puro sotaque africano *Maréchal, nous voilà*, a cançoneta lançada pela propaganda pétainista e que não pouco contribuiu para a popularidade do sinistro marechal e do que ele representava diante de boa parte da população francesa durante a guerra. E esta ironia é levada mais longe na cena cômica e brilhante, em que o retrato de Pétain é substituído pelo de de Gaulle, o que causa um áspero e hilariante diálogo entre um sargento e um cabo senegaleses: como diabo é possível que um general de duas estreias "mande mais" do que um marechal de sete? Para lá deste diálogo, permanece outra questão: para os aldeões africanos de **Emitai**, nada mudou com a substituição de Pétain por de Gaulle. Maneira sutil e divertida de recapitular uma frase pronunciada no começo do filme (*"esta guerra é dos brancos, não é a nossa guerra"*) e uma outra frase, um tanto esquecida mas de que Sembène não se deve ter esquecido, do famoso Apelo de 18 de Junho de 1940, lançado em Londres por de Gaulle: *"A França não está só, não está só, não está só! Tem detrás de si um vasto império colonial"*. Como **Emitai** tão bem demonstra, a História não é a mesma para todos.

Antonio Rodrigues